

TEXTOS E CONTEXTOS DE JUVENTUDE: MACONHA, CONSUMOS, SENTIDOS E NARRATIVAS

André Luis Campanha Demarchi
Universidade Federal do Espírito Santo

O presente trabalho divide-se em duas partes. Na primeira, nos esforçamos no sentido de, inicialmente, fazer uma discussão teórica das diversas formas de se conceituar *juventude*.

Na segunda parte, abordaremos algumas temáticas que circundam o *universo juvenil* inserindo o *jovem* nas problematizações a respeito dos mundos contemporâneos e, ainda, enfocaremos os problemas enfrentados pelos *jovens* consumidores de maconha que foram entrevistados bem como as dificuldades experienciadas por estes na família e o processo de criminalização do usuário de maconha.

Para tal objetivo, utilizamos dois discursos sociais distintos, porém não opostos: a literatura, a partir do romance “*Inferno*” de Patrícia Melo; e a antropologia, pois entrevistamos alguns jovens.

I - CONCEITOS DE JUVENTUDE

O objeto parece escapar a qualquer abordagem desde o momento em que se tenta dar-lhe uma definição.
(Georges Balandier)

A dificuldade de se conceituar *juventude* torna-se maior nas sociedades complexas, na medida em que estas sociedades “organizadas em grande escala, abertas à urbanização rápida e à constante mudança, estão em crise de continuidade”¹. O que se percebe, então, ao analisar a *juventude* em relação com os “mundos contemporâneos” é que, algumas formas de se definir o que é ser *jovem* podem ser problemáticas se utilizadas estanques e monoliticamente e, ainda, fora do contexto histórico, pois sabe-se que as “idades do homem” são construídas socialmente de acordo com a época em que estes estão inseridos². Assim, pode-se definir juventude de várias formas em determinadas épocas distintas. Porém, deve-se atentar para alguns percalços que podem aparecer.

Uma forma de definição seria classificar como jovem os indivíduos dentro da faixa etária de 17 a 25 anos. Entretanto, apenas isto não basta, porque deixaríamos de levar em consideração

¹ Cf. BALANDIER, Georges. *Antropo-lógicas*. Trad. Oswaldo Elias Xidieh. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1976. p. 68.

² Cf. ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Lígia A. Watanabe. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

que “as divisões por idade fixam-se confusamente”³ em nossa época, na medida em que houve, como mostra Beatriz Sarlo, um processo de “desestabilização dos princípios hierárquicos”⁴, provocado pelo grande avanço da tecnologia e da ciência no campo da medicina e da estética corporal, pela formação de um grande mercado consumidor integrado por jovens e, finalmente, pela expansão deste mercado aos demais setores da população.

Esta desestruturação reflete-se nas academias de ginástica, cada vez mais freqüentadas por adultos querendo rejuvenescer e, ainda, nas propagandas de televisão e “outdoors” espalhados pelas metrópoles, onde são mostrados de forma sedutora os valores, símbolos e ícones da juventude.

Outra possibilidade de conceituação seria uma definição de acordo com a inserção em período de “formação educacional”, contudo se utilizássemos apenas esta categoria, cairíamos em outra armadilha, pois sabe-se que aumentam as necessidades de aprendizagem de conhecimentos em sociedades que se tornam mais competitivas. As “sociedades contemporâneas” sofrem os males do desemprego em massa. Isto força o prolongamento da duração do aprendizado e da educação, uma vez que a todo momento é preciso se reciclar de acordo com as exigências do mercado. Então, muitas vezes jovens e adultos ocupam o mesmo espaço da sala de aula, disputam a mesma vaga em concursos públicos e, por conseguinte, competem pelo mesmo emprego.

Além disso, esta categoria torna-se incongruente com a realidade social brasileira. Sabemos que no Brasil são poucos aqueles que podem ter um longo e contínuo período de formação educacional, e isto se verifica, principalmente, entre os mais jovens. Poderíamos, neste sentido, nos perguntar o seguinte: aquele menino que trabalha desde os oito anos de idade, é jovem? Se levarmos em consideração apenas o tempo de aprendizagem educacional, iríamos responder certamente que não.

Podemos ver um exemplo desta questão no “*Inferno*” de Patrícia Melo, em que o personagem principal Reizinho é, como muitos no Brasil, um menino de onze anos que mora em uma favela e age socialmente como um jovem entrando no mercado de trabalho, porque disputa uma vaga como “olheiro” no tráfico. Ou seja, sofre, precocemente, a competitividade da luta para entrada na esfera dos “homens dignos”; tão intensa luta, excludente e violenta quanto num mercado não clandestino. Percebemos, então, uma infância perdida.

³ Cf. BALANDIER, Georges. Op. cit., p.68.

⁴ Cf. SARLO, Beatriz. Op. cit. p. 39.

O que vai determinar o período de formação educacional, salvo algumas exceções, é a posição que o indivíduo ocupa na estrutura social. Chegamos a uma conclusão não muito agradável ao percebermos que no Brasil ser jovem é um privilégio. Dito de outro modo, se considerarmos que são poucos os jovens brasileiros que têm uma formação educacional contínua e duradoura⁵ e que a maioria destes estão inseridos em camadas médias e altas da população, pode-se afirmar que poucos *jovens* são socialmente *jovens*. Assim, “a juventude é uma condição variável no interior de uma dada sociedade e que pode estar restrita a determinados grupos desta”⁶.

As dificuldades não param por aí. *Juventude* também pode ser definida como:

um *elo* necessário do presente com o passado porque transita de um tempo para outro e porque assimila um conteúdo atribuído pelo tempo e lugar que na história pode ou não permanecer como transformador⁷

A *juventude* como *elo* pressupõe uma distinção clara entre as gerações passadas e as gerações presentes. Neste sentido, esta conceituação faz-se problemática, na medida em que, como mostramos, atualmente, as “idades da vida” se misturam e não estão tão bem demarcadas como em tempos atrás:

Tudo se embaralha. As divisões por idade fixam-se confusamente. Os jovens antecipam o momento de sua maturidade ou “maioridade”, os mais velhos tentam prolongar sua juventude.⁸

Outro problema desta conceituação é que, para “transitar” de uma época para outra, seria necessário um processo contínuo de transmissão de experiência que se verifica de forma fragmentada nas relações entre as gerações atualmente. O que se percebe é que este componente característico da juventude no decorrer da história está se desgastando em nossas sociedades. Apreender códigos, através da transmissão de experiência advinda dos “adultos”, só é possível se houver continuidade entre quem transmite e quem recebe. Isto não ocorre na assim chamada era do “fim do longo prazo”, como afirma Richard Sennet, em “*A corrosão do caráter*”⁹. Não haver mais “longo prazo” desorienta a ação em período contínuo, afrouxa os laços de confiança e compromisso divorciando a vontade do comportamento.

⁵ É importante frisar, que o sistema educacional público do Brasil passa atualmente por um enorme sucateamento, devido à diminuição das verbas destinadas à educação e pelas políticas de privatização implementado pela prática neoliberal do governo atual.

⁶ Cf. ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Página aberta, 1994. p. 6

⁷ SOUZA, Janice. Op. cit. p. 25.

⁸ BALANDIER, Georges. Op. cit. p. 68.

⁹ Cf. SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

Podemos então, como Walter Benjamin, nos perguntar o seguinte:

Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundo dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje com um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?¹⁰

A resposta, segundo ele próprio, seria praticamente nula. Sabemos “que as ações de experiência estão em baixa”, nas sociedades complexas contemporâneas, em que a tecnologia e os meios de comunicação de massa ocuparam o lugar da família como transmissora de códigos. Neste sentido, se a transmissão de experiência está se esvaindo, o *elo* entre gerações velhas e gerações presentes se fragmenta.

Vejamos como exemplo este trecho retirado de uma reportagem da revista *Veja*, em edição especial sobre *juventude*:

Balé, inglês, esgrima, alemão, musculação, e squash, além das aulas normais. Todas essas atividades fazem parte da agenda da paranaense Krissie Kamile Singer Wallbach. Ela não é exceção. É regra¹¹.

Como podemos perceber a família, praticamente, não faz parte do cotidiano desta jovem de classe-média alta. Sendo isto regra, pode-se constatar que a família tem deixado de lado uma de suas funções primordiais, no que diz respeito, aos jovens: a transmissão de experiência. Esta jovem tem mais contato com os profissionais que se encarregam de educá-la do que com os pais, ou seja, a troca de experiência, quando esta ocorre, não se dá dentro de casa, mas sim fora dela.

Alguns componentes sociais roubaram o tempo de aprendizado que os pais dedicavam a seus filhos. A escola, os meios de comunicação e, mais recentemente, a internet são novos meios de se transmitir os códigos necessários à juventude. Isto torna as relações familiares frias, pois não há confiança entre pais e filhos. Assuntos fundamentais na formação do jovem, como sexo e drogas, dificilmente são discutidos dentro de casa.

Desta forma, é arriscado conceituar juventude como um *elo* de ligação entre o passado e o presente, uma vez que parece haver um corte entre a transmissão e a recepção da experiência.

Outra questão pertinente, e que deve ser colocada ao se discutir os diversos possíveis conceitos de *juventude*, diz respeito ao que alguns teóricos, principalmente, aqueles influenciados

¹⁰BENJAMIN, Walter. p. 114

¹¹ ESMANHHOTTO, Simone. Tudo ao mesmo tempo. In: *Revista Veja. Edição Especial – Jovens*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, ano 34, nº 38, 2001. p. 53.

pelos acontecimentos de maio de 1968, chamam de “essência revolucionária juvenil”. O que se percebe nestas conceituações é a tentativa de “cristalização da idéia de que há uma essência da condição juvenil (...), portadora de utopias e de projetos de transformação”¹². Como já vimos no decorrer deste trabalho, devemos sempre, ao analisar os fenômenos sociais, contextualizá-los de acordo com as condições históricas em que estão inseridos, senão podemos cair em interpretações equivocadas da realidade social.

Assim, uma possível definição universalista de juventude como “essência renovadora da ordem social” torna-se distorcida, na medida em que abandona a idéia de que em cada sociedade existe uma tentativa diversa de dialogar com os jovens, e que é através deste enfrentamento singular que os jovens revoltar-se-ão ou não contra o *status quo*.

Depois de termos discutido estas possibilidades de conceituação e os problemas daí decorridos, podemos dizer que um conceito único de *juventude*, enquanto tal, não é suficiente para abarcar toda a complexidade desta *categoria* e, ainda, “não podemos perder de vista que uma ‘totalidade’, por mais abrangente que seja, é sempre inacabada”¹³.

Neste sentido, utilizando conjuntamente as categorias “faixa etária”, “período de formação educacional” e “transmissão de experiência”, percebemos que no Brasil, ser *jovem*, de acordo com tais delimitações conceituais e definições, é uma característica reservada a uma pequena parcela da população, ou seja, é um *privilegio*.

Deste modo, ao invés de utilizar separadamente cada categoria analisada acima para conceituar a *juventude*, deve-se optar por uma abordagem múltipla, dinâmica, multifacetada, plural e, conseqüentemente, polifônica, em que as diferentes “vozes” contribuam para a formação deste *conceito complexo*.

II – TERRITÓRIOS MINADOS: JUVENTUDE, EXCLUSÃO E DROGAS

*Eles venceram e o sinal está fechado
para nós que somos jovens.
(Belchior, “Como nossos pais”)*

Philippe Ariès, em seu livro “*A história social da criança e da família*”¹⁴, especificamente no capítulo “*As idades da vida*”, mostra como as idades do homem foram se formando com o decorrer da história. Ariès afirma que há uma mudança de parâmetro das idades em cada época e,

¹²Cf. SOUZA, Janice Tirelli Pontes de. *A reinvenção da utopia: A militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hackers editores, 1999.p.21.

¹³ Op. cit. p. 24.

¹⁴ ARIES, Philippe. Op. cit., cap. 1: “As idades da vida”.

por conseguinte, em cada contexto, assim, “a “juventude” é a idade privilegiada do século XVII, a “infância”, do século XIX e a “adolescência”, do século XX.”. Entretanto, o historiador afirma, também, que a “linguagem moderna tomou emprestado esses velhos vocábulos originalmente apenas teóricos, para designar realidades novas”¹⁵.

Juventude ou ser jovem, no século XVII, significava ter mais ou menos quarenta e cinco anos, e era muito diferente do que é ser jovem atualmente. O velho ditado: “A vida começa aos quarenta”, que valorizava um homem sério, mantenedor de família, com maturidade e estabilidade, parece ter sido modificado, em meados do século XX, para: “A vida termina aos quarenta”, pois houve um encurtamento na idade “ideal” do homem provocado pela formação de uma “indústria do rejuvenescimento” que “repara os ultrajes dos anos” com “cirurgias plásticas, massagens, substâncias à base de embriões ou sucos regeneradores que mantêm ou ressuscitam as aparências da juventude”¹⁶.

Se por um lado, o modo de ser jovem se transformou numa vitrine ou padrão do que deve ser consumido por toda população, por outro, há uma imensa competitividade no setor do trabalho, devido ao grande índice de desemprego, o que afasta o *jovem* desempregado do seu próprio modelo exposto nas lojas, “outdoors”, e shoppings.

Em uma das narrativas colhidas do jovem *F*¹⁷, de classe-média, estudante do curso de direito em uma faculdade particular, nota-se a tamanha falta de perspectiva e a competição acirrada que circundam os mundos do trabalho atualmente:

Pô, cada ano que passa fica mais complicado, né, cara?! Coisa que não vai dar para evitar, não tem como mudar, eu acho. Bicho, infelizmente cê tem que ser o melhor. É difícil eu até falar isso, porque eu nunca fui melhor em nada. Nunca fui melhor aluno, nunca fui nada. E encarar esse mercado de trabalho (...), dificilmente vou ter sucesso, né cara!? Só os melhores sobrevivem (...). Cada ano que passa vai ficar mais concorrido, mais sobrecarregado, mais gente disputando. Não vai ter jeito cara. Vai ser sempre pior. Vai ser sempre mais difícil cê se dar bem na vida. Eu não tenho muita expectativa com o mercado de trabalho¹⁸.

A diminuição dos postos de trabalho traz consigo uma maior competição tanto *inter* quanto *extrageracional*¹⁹. Isto acarreta uma corrosão das relações sociais e uma desconfiança generalizada, já que “não se pode discutir nada com ninguém, uma vez que, a princípio, meu

¹⁵ Op. cit. p. 48 e 49.

¹⁶ Cf. MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: O Espírito do tempo*. Trad. Maura R. Sardinha. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977, vol. I – Neurose. P. 153.

¹⁷ Por motivo de preservação óbvia da identidade e da segurança dos informantes, não colocamos os nomes reais e, mesmo nas fitas gravadas e depoimentos escritos, não identificamos por nomes e sim por letras aleatoriamente colocadas.

¹⁸ Todas as narrativas que aparecem neste relatório foram gravadas em fita cassete e encontram-se disponíveis no DLL/UFES para consulta reservada com fins exclusivamente de estudo e pesquisa.

¹⁹ MANNHEIN, Karl. *O problema sociológico das gerações*. In: Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 25, Marialice M. Foracchi (organizadora). São Paulo: Ed. Ática, 1982.

amigo é meu concorrente.”²⁰. Neste sentido, uma das características de “*ser jovem*”, no contexto atual, é estar à margem e, por conseguinte, habitar os limites da *exclusão social*.

I., jovem de classe média estudante do curso de matemática em instituição pública, também relata a insegurança vivida por ele em relação à difícil entrada nos mundos do trabalho:

(...) agente é jovem assim, sacô, aí tem pouca experiência e pouco título. Então, fica difícil de arranjar emprego. Normalmente agente arranja e ganha uma miserinha só sacô? Não é emprego fixo e é foda, né cara?!, a gente precisa de dinheiro.

As novas condições de tempo e de trabalho no capitalismo dificultam a entrada de jovens em mundos do trabalho, em que o pré-requisito é a “experiência” que não lhes foi passada. Os jovens vivem atualmente este paradoxo: ao mesmo tempo que são incitados a consumir os produtos destinados a eles, não o podem fazer porque foram “tiradas as suas armas”. O discurso do mercado é universal; este é anunciado para os que podem consumir e para os que não podem, assim o mercado oferece ao jovem “uma forma do ideal de liberdade e, na sua contraface, uma garantia de exclusão”²¹.

Estas transformações no capitalismo, trouxeram alguns outros problemas. Um destes, a desconfiança, afeta não só a juventude mas as pessoas em geral e foi muito bem percebido pelo poeta e cantor Renato Russo. As célebres perguntas da música “Soldados”²²: “Quem é o inimigo? Quem é você?”; cantadas com a voz melancólica do cantor denunciam uma sociedade em que a maioria das pessoas não mais se relacionam umas com as outras estabelecendo continuidade. Em muitas das situações de interação interpessoal, o que no máximo pode vir a dar-se é uma troca de sensações *espasmódicas*, o que define para alguns teóricos o assim chamado “homem pós-moderno”. Segundo Bauman, as pessoas usam-se umas as outras e, depois, da descarga de energia e prazer físico se separam²³.

Estas relações descontínuas geram, nos *jovens*, uma sensação de mal-estar e de depressão que, muitas vezes, favorecem outros sentidos e significados de consumo de maconha. Como nota-se na narrativa deste jovem informante :

²⁰Cf. BOCK, Silvio D. A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: ABRAMO, Helena W., FREITAS, Maria, SPOSITO, Marília P. (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000. p.15

²¹SARLO, Beatriz. Op. cit., p. 41

²² Legião Urbana, *Música para acampamentos*. Rio de Janeiro: Phonogram, 1992, encarte. Utilizamos esta publicação, contudo o texto data de 1984.

²³Cf. BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Fumar maconha pra distrair das coisas ruins que acontecem né?!, por depressões, angústias, ansiedades, né?! Então, assim, eu gosto de fumar pra dar uma relaxada, um descanso, é uma pausa, não que eu vá esquecer tudo, não que eu vá deixar de vivenciar isso e encarar, né?! Mas é um momento de pausa assim né?! Pára aí, deixa eu dar um momento aqui, se não minha cabeça explode. Então, tem estas coisas assim, de eu fumar num estado meio depressivo. (Relato colhido de C. jovem de classe média, estudante de artes.)

No romance “*Inferno*”, o personagem “Reizinho” também ameniza suas dores, provocadas pela exclusão social e o abandono, consumindo *drogas*:

Com as drogas parte disso acabava, Reizinho passou a experimentar uma nova sensação, quentura no peito, tudo se encaixava dentro dele, crack, com harmonia, “chave na fechadura”, era aquilo mesmo que já haviam dito, chave certa, fechadura certa, porta aberta. (I., p. 55)

Assim, tanto no discurso literário como nas narrativas colhidas empiricamente dos jovens, um dos significados possíveis para o uso da *droga* é utilização desta como *tratamento social*, por uma *juventude* que sofre as várias “faltas” que os mundos contemporâneos oferecem: incerteza, falta de garantia, insegurança e, por isso, falta de perspectiva. Neste sentido, Freud em seu “*Mal-estar na civilização*”, argumenta que :

Devemos a tais veículos [intoxicantes] não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível em qualquer ocasião afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade²⁴.

No entanto, não nos iludamos, o próprio Freud, em outra passagem deste mesmo texto, escreve que:

é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. São responsáveis em certas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano²⁵.

O uso da *droga*, como meio de “amenizar a dor”, está intimamente ligado à forma como as sociedades contemporâneas encaram este fenômeno . Podemos dizer que vivemos em sociedades que acreditaram e acreditam na *droga* como uma forma de resolução dos problemas sociais e individuais. “Neste sentido, citamos o exemplo canadense, onde, em 1968, o consumo de 3 bilhões de comprimidos de aspirina e de 56 milhões de doses de anfetaminas (...), ilustra

²⁴ Cf. FREUD, Sigmund. *O Mal estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 97.

²⁵ Op. cit. p. 97.

bem este aspecto”. A nossa “civilização médica compromete-se a reduzir o sofrimento, aumentando a dependência”²⁶.

No entanto, estas mesmas sociedades, proíbem o uso de algumas substâncias. Utilizando o discurso efetivo, positivo e punitivo “de que estas fazem mal à saúde de quem as consome e provocam distúrbios mentais nos indivíduos”, criminalizam substâncias que fazem menos mal a longo prazo (maconha) do que algumas que são legalizadas (álcool e tabaco, por exemplo). “O arbitrário aparente, que separa a droga do medicamento, parece muitas vezes, corresponder, de certa forma, à ideologia em curso”²⁷.

O processo de criminalização dos usuários de *drogas* evidencia uma sociedade contraditória, punitiva e “moralista”, na medida em que penaliza os indivíduos por utilizarem substâncias que, como vimos, “ameniza a dor” sentida pela exclusão social, desemprego, incompreensão familiar, entre outros problemas. Estas punições são feitas, primeiramente, dentro da própria família, e constantemente os usuários são taxados de “marginais” e “vagabundos”, como podemos ver na narrativa deste jovem entrevistado:

O trabalho mais que eu procurei foi pela dificuldade em casa mesmo, sacô?!
Aquela coisa de seu pai e sua mãe te pressionando.
“Tá usando maconha e não tá fazendo nada, jogando nosso dinheiro no lixo” .
É por isso que eu procurei este trabalho. Pra vê se eu ganhava uma confiança e uma liberdade a mais (...). Minha busca por serviço foi mais por isso, pra ganhá confiança em casa. Eu quero ter aquela confiança que eu tinha antes.
(Relato colhido de N. jovem de classe-média, estudante)

Além da pressão exercida sobre o jovem, o que costuma acontecer nestes casos, principalmente quando a família é de classe média, é um corte financeiro, ou seja, como “punição” os pais não mais destinam parte do rendimento familiar ao jovem e, ainda, o culpam reduzindo todos os problemas juvenis, as preocupações e os objetivos deste jovem usuário a um único elemento: o consumo de maconha. O jovem, contraditoriamente, passa a ser incriminado por uma situação em que faz o papel de vítima. Desta forma, passa a ser culpado por ter transgredido “a moral e os bons costumes”, sendo obrigado a abandonar seus projetos de vida e a disputar precocemente uma vaga nos competitivos mundos do trabalho para recuperar “a honra violada da família”:

Fico muito mal, sacô?! Porque tipo eu não vejo um caminho. Eu quero ganhar minha independência, eu quero ter minhas coisas tal, mas eu quero

²⁶Cf. BERGERET, J. e LEBLANC, J. *Toxicomanias, uma visão multidisciplinar*. Trad. Maria Teresa Baptista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 232.

²⁷ Op. cit. p. 233.

fazer por partes, sacô?! Eu quero estudar primeiro pra depois correr atrás disso. E o que me força às vezes a largar isso, parar de pensar no estudo e correr atrás de um serviço, (...) é mais essa coisa de dentro de casa né?, dos pais falando e tal, da cobrança. É simplesmente isso, porque pra mim ia ser uma coisa mais natural, sacô?! Ia vim gradativamente. (*Ibidem*).

Os pais e os filhos, na maioria das vezes, não discutem abertamente estas questões complicadas, pois como mostramos, os processos de troca de experiência, praticamente, não existem entre as duas partes. Assim, a família não interage para a solução do possível “problema”; ao contrário, acentua as incertezas, cria problematizações não previstas pelo jovem e, finalmente, provoca deslocamentos de significados na formação do jovem e de seus contextos de interação social.

Uma das conseqüências deste processo de incriminação é o “envelhecimento precoce” sofrido pelo jovem. Este tem que abandonar seus planos e sua formação, ou seja, sua “condição juvenil” e tentar penetrar nas malhas dos mundos do trabalho. Sendo de classe média teria condição de ter uma formação educacional contínua, contudo, esta possibilidade é, em muitos casos, anulada.

Por fim, como no texto literário de Patrícia Melo, o jovem se vê impossibilitado em vários territórios de seu desenvolvimento, não tendo direito à palavra porque “cometeu um crime”. Foi “julgado”, sumariamente, e a “pena” é providenciar um trabalho para resgatar a confiança perdida e seu lugar de inserção social no interior da estrutura familiar.